



Chryst Chrystello*

Parentalidade desnecessária

Parentalidade desnecessária: ao longo dos anos, raras vezes tivemos de ir aos estabelecimentos de ensino do Miguel, do Bebé e do João, e, mesmo assim, fomos vezes demais pelos motivos que invocaram para a nossa presença. Durante muito tempo, sempre me gabei de que, desde a escola primária, nenhum progenitor me acompanhara ao liceu ou à universidade, com tudo de bom e de mau que isso acarreta. Uma única ocasião em toda a minha vida académica em que gostava de ter tido a presença dos meus pais (e não apareceram, como sempre faziam, primavam pela ausência ou incentivos ao filho foi quando fiz a estreia em 22/04/1969 no Teatro de São João numa peça TUP, com música de Zeca Afonso, cenários do alfandeguense contemporâneo da minha mãe, Mestre José Rodrigues, o designer Mário Viegas e a Manuela Melo, que seria locutora da RTP e vereadora da CMP.

Hoje ri-me a bandeiras despregadas a ler o oposto do que se passou comigo. Luís Galego: «Uma pessoa conhecida da minha mulher explicava-lhe, há dias, que se atrasara a entregar-lhe uma coisa que ambas tinham combinado porque estivera numa receção para encarregados de educação. Ingenuamente, perguntei onde ficava o infantário que a filha frequentava. Riu-se como se eu tivesse acabado de lhe oferecer uma rara peça de comédia britânica e agradeceu-me, entre gargalhadas, por a ter considerado tão jovem. Não era, evidentemente, uma criança. Era a filha que acabara de entrar no ensino superior, num curso de Economia, numa instituição antiga e conceituada precisamente no domínio das ciências económicas e financeiras.

Ou seja, uma criatura perfeitamente habilitada a estudar curvas de oferta e procura, mas aparentemente ainda acompanhada pelos respetivos “encarregados de educação”. Confesso que fiquei a pensar no assunto. Quando entrei para a universidade, os meus pais não foram convocados para qualquer receção, sessão de acolhimento ou cerimónia destinada a explicar-lhes como funcionava a vida académica do filho. E, tanto quanto me lembro, ninguém considerava particularmente estranho que um jovem chegasse ao ensino superior e fosse, a partir daí, tratado como alguém que já tinha idade para responder pelos próprios atos. Depois da quarta classe, aliás, os pais raramente punham os pés na escola. E nós, estudantes, teríamos considerado uma invasão de privacidade quase ofensiva que o fizessem. Hoje parece existir uma espécie de síndrome coletiva de tutela prolongada. A criança cresce, muda de escola, entra na universidade, talvez faça Erasmus, tire um mestrado, aprenda a conduzir, vote e, em casos particularmente audaciosos, até consiga ter uma profissão. Mas, pelo caminho, há sempre uma instituição pronta a convocar os pais para lhes explicar qualquer coisa. É uma curiosa regressão civilizacional. A sociedade tornou-se tecnologicamente adulta e pedagogicamente infantil. Inventámos plataformas digitais, inteligência artificial e viagens espaciais, mas continuamos a precisar de reunir os progenitores de um adulto para lhes dizer onde fica a secretaria da faculdade.

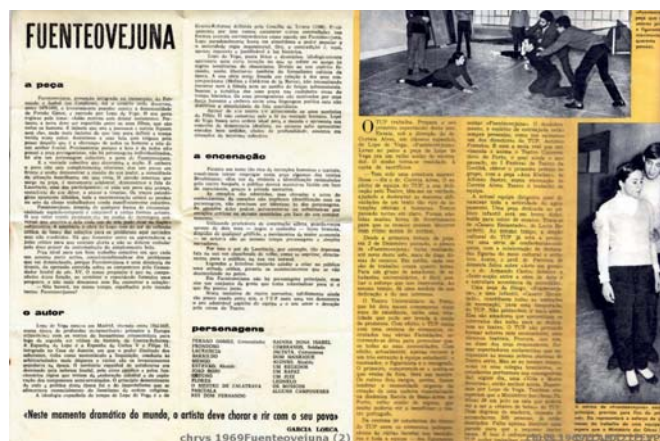
Há nisto qualquer coisa de profundamente cómico, mas também de inquietante. A infância, que deveria ser uma fase da vida, parece estar a transformar-se numa espécie de estatuto administrativo vitalício. Os pais já não acompanham apenas os filhos. Representam-nos, supervisionam-nos, esclarecem-nos, antecipam-lhes dificuldades e, quando possível, evitam-lhes o incómodo de descobrirem que a vida adulta contém uma coisa bastante desagradável chamada responsabilidade. Talvez estejamos a confundir afeto com tutela e proximidade com dependência. Ou talvez simplesmente tenhamos decidido que crescer é uma experiência demasiado desagradável para ser entregue aos próprios interessados. Se assim for, proponho que se avance até às últimas consequências. Receção para encarregados de educação no primeiro emprego. Reunião de pais antes da assinatura do contrato de arrendamento. Sessão de esclarecimento para progenitores antes do casamento. E, para os casos mais delicados, uma comissão de acompanhamento familiar antes de o filho comprar uma torradeira. Sempre me pareceu que educar uma criança consistia, entre outras coisas, em prepará-la para deixar de precisar de nós. Agora parece que estamos empenhados no empreendimento exatamente inverso: criar adultos que, apesar de legalmente maiores, continuam pedagogicamente em regime de “menoridade assistida”. E depois admiramo-nos de que os mais novos tenham dificuldade em crescer. Se nunca os deixarmos sair da infância, ao menos teremos a vantagem de poder continuar a ser convocados para as reuniões de pais. Até aos sessenta anos, desconfio eu.



Luís Galego.

Imagem: O jovem Vasco [Santana], eterno estudante de Medicina na Faculdade de Medicina de Lisboa, e a preocupação permanente das suas diligentes encarregadas de educação: as tias, sempre prontas a zelar para que a Medicina, um dia, finalmente acontecesse.)

Adiante extratos do programa, da reportagem na ‘Flama’, cópia do livro mais proibido de Zeca Afonso e sinopse de ‘Fuenteovejuna’ de Lope de Vega.



Podem não acreditar, mas ainda hoje é uma das maiores mágoas que guardo contra os meus pais. Nunca perdoei essa ausência e do Campo Lindo à Praça da Batalha, onde era o S. João (hoje Teatro Nacional), não era um desvio do outro mundo. Quicá por isso fiquei subitamente afónico e tive de desempenhar um papel secundário sem voz...

Mudando de tema, ontem, por mero acaso ao jantar ao fazer ‘zapping’, parei na RTP-1 e vi o amigo Alexandre Borges (atual comentador político na estação). Estava acompanhado de uma comentadora e locutora muito belas, bem maquilhadas, sorridentes, de alvos dentes tratados com OMO, Persil, Skip, Finish, Ariel, Calgon, Fairy, CIF, Comfort, Sonasol, Ajax, Vanish ou mais uma dezena deles, ou outro detergente, e todas confiantes nas suas palavras. Ouvi-as (creio que falavam das eleições intercalares estaduais na Alemanha). Não eram louras nem platinadas, mas a dúvida que permaneceu até ao findar da noite era: seriam estas mulheres inteligentes com quem passar uma noite a falar? Não creio, que me desculpe o Alexandre que se comportou muito bem, como habitualmente e era o mais omnisciente do painel.